

A derrota da esquerda retórica na Constituinte

11 JAN 1988
Paulo Ramos
Derengoski (*)

As esquerdas (se é que existem "esquerdas" no Brasil, com perdão da palavra) foram fragorosamente derrotadas na Constituinte.

Também, pudera. Não analisaram cientificamente a sociedade brasileira. Não verificaram o estado atual do desenvolvimento das forças produtivas. Não se dignaram a indicar corretamente quais os obstáculos que poderiam antepor-se ao desenvolvimento dessas mesmas forças produtivas. Não pesquisaram quais as contradições inerentes à sociedade brasileira — e quais dessas contradições eram as



principais ou secundárias no sentido de serem ultrapassadas e resolvidas para que a sociedade, como um todo, se desenvolvesse.

Erraram. E agora pagam caro pelo erro.

As duas grandes contradições que obstaculizam o livre desenvolvimento da sociedade brasileira são: 1) o asfixiamento pela espoliação internacional, com a deterioração das relações de troca que faz nossos produtos valerem cada vez menos, gerando a dívida e a asfixia financeira e 2) uma estrutura agrária ainda defasada.

Mas, num erro absurdo e antinacional, colocaram a questão agrária acima da questão internacional. Com isso, voltaram suas baterias para o setor interno, atacando os produtores agrícolas legitimamente nacionais e propiciando que eles se organizassem

rapidamente em torno de suas entidades. Os fazendeiros haviam até mesmo apoiado as bem intencionadas propostas de transição de Tancredo Neves, mas com a falácia de uma reforma agrária confusa, medieval, puramente assistencialista e antinacional, voltaram-se para a direita.

A reforma agrária é uma questão de produção, de aumento de bens e consumo e não uma atitude para salvar setores residuais da sociedade. No mundo, moderno não existe "marcha da cidade para o campo", a não ser a tentativa primitiva de Pol Pot, no Camboja, que deu no que deu.

Enquanto a esquerda se perdia num discurso retórico, os setores produtivos da sociedade, por ela agredidos, se organizaram.

Derrotada na questão agrária, que ela própria elegeu em contradição

principal, a esquerda perdeu a batalha em todas as outras frentes. Na frente social verá excluídas da Constituição as tímidas conquistas que havia proposto.

É mais; terá agora de dobrar-se também à penetração do capital externo. As poucas medidas de defesa da economia brasileira, como a moratória, ou de controle do subsolo nacional, para impedir que todo nosso minério se esvaia para o exterior a preço de banana, também vão cair. Basta ler o projeto do chamado "Centrão", que inevitavelmente se organizaria e venceria a esquerda retórica de butique, para perceber que o verdadeiro objetivo daquele grupo é abrir — totalmente — o País ao capital externo. Até a Petrobrás está em perigo.

Mais uma vez os pombos

mostraram como são competentes para levar os falções ao poder. Mais uma vez o centro-direita vencerá a incompetência sesquipedal das esquerdas.

Tudo isso é resultado de atitudes retóricas, de falta de análise da realidade brasileira, de falta de compreensão do mundo moderno, de atitudes a reboque de medievalismos minifundiários. Em suma: de ignorância.

Mas perderam, principalmente, porque estiveram contra a História.

Os anos 80 venceram os anos 50. E dessa vez não haverá — como nos filmes da Metro — a volta àquela chatura "dos bons velhos tempos da brilhantina". Acabou-se, mais uma vez, o sonho da doença infantil do esquerdismo. Ficaram na fuligem.

(*) Empresário em Santo Ca-

11 JAN 1988